



A todos e a cada um -eles e elas, amigos, irmãos- um abraço de Tempo Novo em Jesus, o Cristo, pequeno e salvador.

Não sei que qualificativo daria um possível calendário maia-cristão a este ano de 1992, que nos chega tão controvertido, cheio de propostas e de tensões.

MAU É O MOMENTO PARA O BRASIL, PARA NOSSA AMÉRICA, PARA O TERCEIRO MUNDO.

E menos fácil e feliz do que esperavam, para o Mundo Primeiro.

Neste país chamado Brasil, onde são assassinados diariamente três menores, estamos vivendo a maior crise econômico-social, de corrupção oficial e de coletivo desânimo de toda sua História moderna. A grande Semana Social, promovida pela CNBB por ocasião do centenário da Rerum Novarum e ponto culminante de outras doze Semanas realizadas nos regionais, destaca, em seu Comunicado Final, que "50% da população brasileira vive do mercado informal em situações de terrível precariedade", denuncia um verdadeiro "apartheid social" e a "degradação do sistema político econômico"; entre nós e declara que "é impossível construir um Estado de Direito numa sociedade de miseráveis". Para concluir, entre orientações éticas e estímulos à esperança, que "a reflexão cristã sobre a realidade social deve ter como pano de fundo a constatação de que a liberdade entre desiguais leva à tirania".

Nossa América flutua "em tempos da cólera" e, tendo saído das ditaduras da "segurança nacional", caiu nas democracias da "segurança do mercado"; com 270 milhões de latino-americanos em extrema pobreza, segundo as últimas investigações do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

Na querida América Central prossegue, difícil, com certos avanços e por momentos na encruzilhada, o diálogo entre as Frentes insurgentes e os Governos de El Salvador e Guatemala. Prossegue também, em ambos países assim como em Honduras, a violação dos Direitos Humanos e a impunidade de "esquadrões" e militares. Durante o atual governo de Serrano Elías já se cometeram, na Guatemala, mais de 700 execuções extra-judiciais. Chegou-me particularmente à alma o assassinato -martírio também- dos cinco camponeses de "El Astillero", de Honduras, que eu encontrara, amigos e animados, nas visitas à América Central. ("Cruces de sangre y flores / en Agua Caliente, hermanos"). A maltratada Nicarágua está se balançando entre "o combate e a profecia e a difícil transição", em meio à uma depauperação alarmante e sob as repetidas ações dos "recontras", que já atacam em seis frentes... Costa Rica está exportando para suas irmãs o "solidarismo" (patronal) como o mais eficaz contrário do sindicalismo (operário).

No Caribe -sob a conivente passividade do mundo- a "avalancha" popular foi estrangulada por mais um golpe militar. Cuba, continua a ser acuada e bloqueada e o Império não parece estar disposto a abandonar suas bases de ocupação em Guantánamo, nem sequer por ocasião do V Centenário... De Porto Rico escrevem-me uns jovens -que se sentem "muito latino-americanos, apesar da influência do Norte"- "sob a dominação norte-americana e a ideologia e a demagogia (que) fazem calar muitas injustiças e manipulações".

"Tudo cheira a morte", desabafa um companheiro, da Colômbia.

E cheira a humilhação. De toda a ajuda que EUA prometeu à Nicarágua para 1990 e 1991 somente chegaram à Nicarágua 517 milhões de dólares e, nesse intervalo de claudicação nacional, Nicarágua "perdoou" a EUA 17 bilhões de dólares que, por ordem da Corte Internacional de Haia, EUA devia pagar à Nicarágua, como indenização. O pai-nosso em favor dos ladrões!

A fome, com o risco de morrer de fome, paira, na África, sobre mais de 23 milhões de pessoas, do Mar Vermelho até o Oceano Atlântico.

Aos Palestinos, aos Kurdos, aos Timorenses, aos Saharai... lhes são proibidas, programadamente, uma pátria e a liberdade.

Crescem, no mundo todo, o desemprego e as migrações; a marginalização na moradia, na educação e na saúde; e se multiplica a violência, repressiva ou encurralada.

Como um pirata onipotente, o FMI dita a política -e a morte- de nossos povos, comandando esse "mecanismo perverso da Dívida Externa, que impede aos povos do Terceiro Mundo de terem uma vida digna e que nunca pode-se pagar às custas da fome e da miséria do povo", segundo o papa João Paulo II, em sua última visita ao Brasil.

E enquanto a maior parte da população mundial sobrevive na miséria, este nosso mundo absurdo vem destinando cerca de 1,9 milhões de dólares, por minuto, à aquisição de armas. Somente o orçamento das Forças Aéreas Ianques é maior do que a soma de todos os orçamentos de educação infantil do Terceiro Mundo.

Herbert de Souza pergunta: "Como se falar em acabar com a fome no mundo se a comercialização de grãos está concentrada nas mãos de menos de 10 grandes conglomerados" transnacionais? E Xabier Gorostiaga lembra que "o Grupo dos Sete e o capitalismo central, com seus 800 milhões de habitantes, controlam e hegemônizam mais poder econômico, tecnológico e militar que o resto dos aproximadamente 4 bilhões de pessoas, que vivem na Ásia, África, Europa Oriental e América Latina". "Já começou o século XXI: o Norte contra o Sul", conclui Gorostiaga sombriamente.

E o Norte contra o Norte também, a seu modo, porque o capital e a prepotência são tão suicidas como homicidas.

Com o fim da Guerra Fria, que iria ser o "não plus ultra da História" e dentro da nova estrutura geopolítica mundial, já se prevê uma era de grandes convulsões econômicas com seus epicentros, precisamente, no Leste Europeu e nos Estados Unidos...

Na Europa, Maastricht não tem sido aquele pentecostes sonhado, Iugoslávia arde em guerra civil, desintegra-se a União Soviética em imprevisíveis frações e a xenofobia exacerba-se, enquanto o sentido maior e a solidariedade languescem em muitos. "Não sei o que se passa com os espanhóis que nos olham com tanto medo", confidenciava um imigrante africano a umas amigas solidárias que me escrevem, de Madri e lamentam que não se saiba "encontrar nos outros o Jesus Amor, o Menino, a Pomba branca, negra, amarela".

Felizmente parece que o Sínodo dos Bispos Europeus foi o bastante realista como para assumirem a Europa que é e a evangelização da Europa que deve ser; sem neocristandades e em solidariedade aberta.

(Interrompo a carta para atender a duas pobres mulheres, que vêm me contar seus problemas de saúde. E penso, mais uma vez, que os pobres são muito mais incômodos que Deus, sobretudo quando a gente sabe que Deus está decisivamente neles).

NESTE CLIMA, ENTÃO, CHEGA 1992, O V CENTENÁRIO.

O V Centenário de quê?, é a pergunta desafiadora. É preciso contestar, com indignação evangélica, toda resposta triunfalista ou irenista ou neutral. É tempo de memória e não de cortinas; de história e não de lendas; de compromisso e não de festividades. Por honestidade e por fé. O Reino e a História nem sempre coincidem; nem sempre coincidem a Igreja e o Reino; nem sempre coincide com o Evangelho nossa evangelização...

Com o supremo direito que as vítimas têm, de 7 a 12 de outubro realizou-se em Quetzaltenango, na mui indígena Guatemala, o Segundo Encontro Continental da "Campanha 500 Anos de Resistência Indígena, Negra e Popular". O encontro, já na denominação definitiva da Campanha, explicitou oportunamente a vontade de coadunar forças: os Povos Indígenas, a Causa Negra, o Movimento Popular.

Para as vítimas, o V Centenário é a memória subversiva de "500 anos de invasão militar, política, cultural, social, de genocídio e evangelização". (Já disse que os cristãos nunca podemos esquecer que a evangelização por vezes contradiz o Evangelho). É também a memória subversiva da "eliminação física de 90 milhões de seres humanos -indígenas e negros- durante o colonialismo e que hoje continua no massacre disfarçado das populações operárias, camponesas, indígenas e do povo pobre em geral". Nenhuma página da História Humana narra um genocídio-etnocídio maior.

O encontro ratificou também as posições de solidariedade, de anti-imperialismo e de anti-colonialismo; proclamou o dia 12 de outubro como o "Dia da Dignidade Continental pela soberania e a autodeterminação"; rechaçou a submissão dos governos do Continente às políticas hegemônicas dos Estados Unidos, Europa e Japão, declarando também "imoral e impagável" a Dívida Externa da América Latina, de mais de 400 bilhões de dólares; e decidiu "consolidar as organizações nacionais e a unidade continental", recuperando "a história de luta e resistência de nossos antepassados, como exemplo para os desafios do presente" e abrindo "um diálogo permanente entre as distintas raças e culturas de nosso continente, para que, a partir da condição de oprimidos, possamos nos levantar e construir um novo projeto de justiça, igualdade e respeito".

Por sua parte, o Conselho Latino-americano de Igrejas (CLAI) e o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC) -do qual também forma parte a Igreja Católica-, reunidos em São Paulo, nos dias 28 e 29 de setembro e dispostos "a ouvir o Espírito e o sangue que clama da terra", lançaram um manifesto exemplar. Reconhecem, nele, "a participação" das Igrejas "nos processos históricos que geraram a destruição dos primeiros povos" do continente americano; lamentam a falta de uma consciência maior das mesmas Igrejas ante o passado e o presente desses povos; rejeitam toda celebração dos 500 anos que não inclua "uma reflexão crítica frente ao processo de dominação que ainda hoje marginaliza milhões de pessoas em nossos

do "Programa da Rede Latino-americana do CPID, do CMI; e a "Agenda Latino-americana 1992", do P. José M. Vigil, editada por "Nicarao", da Nicarágua e pelo Secretariado "Oscar A. Romero", do México. Fazendo um comercial de casa, recomendo também "Ameríndia", da Verbo Filmes, vídeo já traduzido a vários idiomas.

João Paulo II, em sua encíclica "Redemptor Hominis", recordava que "a conversão à fé cristã não significa uma destruição da identidade cultural e religiosa do evangelizando, mas uma plenificação da mesma com o Evangelho".

Esta é a alternativa verdadeiramente evangelizadora e um dos maiores desafios que se nos apresentam para a IV Conferência Episcopal de Santo Domingo, na República Dominicana.

Estes DESAFIOS MAIORES PARA SANTO DOMINGO, no meu entender, são:

- Assumir as grandes convicções e as opções fundamentais de Medellín e Puebla, respaldadas pelos processos teológicos e pastorais de nossas Igrejas e pelo sangue de tantos mártires.
- E, em primeiro lugar, a opção evangélica pelos pobres, mais em número hoje e mais sistematicamente empobrecidos.
- O diálogo religioso e a inculturação, que supõem uma opção real pelas culturas "outras", secularmente oprimidas: opção específica, que deriva da opção básica pelos pobres. O pobre e o outro.
- A capacidade de nos situarmos, com renovada lucidez, no contexto histórico social de nossa América e de enfrentar, com decisão profética, o sistema mundial de iniquidade.
- Apoiar eficazmente o autodescobrimento dessa América nossa e a intersolidariedade continental.
- O discernimento pastoral da modernidade, com seus ídolos e com suas contribuições positivas.
- A ministerialidade e o ecumenismo de toda a Igreja.
- A inserção real dos cristãos numa sociedade culturalmente plural e a participação política na construção de uma democracia autenticamente popular.
- A acolhida sem restrições dos novos sujeitos emergentes -eles e elas- tanto na Sociedade como na Igreja e seus projetos alternativos.
- Fazer dos Direitos Humanos um primeiro postulado irrenunciável da Nova Evangelização.
- A vivência e o testemunho, pessoal e comunitário, de uma Espiritualidade profundamente bíblica, pascal, libertadora e nossa.

Homens e mulheres novos, diria Medellín, para um Continente novo. Uma Igreja nova, digamos, para uma Nova Evangelização.

AQUI, EM CASA, EM NOSSA IGREJA DE SÃO FÉLIX DO ARAGUAIA, neste ano acionamos definitivamente os vários Conselhos Pastorais -locais, regionais e geral. A equipe pastoral -os agentes dedicados à pastoral em tempo integral, leigos, religiosas ou sacerdotes- vão se diluir mais entre os animadores populares e na vida dos vários Conselhos. Para irmos tornando mais autóctone esta pequena Igreja particular.

Somos "edificantes" também e, entre outras construções, acabamos de inaugurar o "Centro Pastoral Comadre de Nazaré", da Vila Santo Antônio, de São Félix; e, no dia 28 de junho, esperamos inaugurar a igreja matriz da Vila Rica, com outro jogo de murais do nosso Cerezo Barredo. A ocasião possibilitará termos uma mini-romaria em torno à memória e ao compromisso do V Centenário.

Em Santa Cruz do Xingu inauguramos, conjuntamente com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB), a capela ecumênica da Santa Cruz. Em Querência, inauguramos também um esplêndido salão comunitário, que por ora servirá igualmente como igreja. E Bom Jesus, bem no interior e tão novo de vida, inaugura também sua igreja.

Graças à generosa solaboração dos amigos de Graz, na Áustria, o Povo Tapirapé re-estreiou seu barco nacional.

Entre os programas deste ano singular, a Prelazia comprometeu-se a publicar uma carta pastoral sobre o V Centenário.

A irmã Joana professora perpetuamente, em Ribeirão Cascalheira e o diácono Samuel se ordena sacerdote, em Porto Alegre. Estes vocacionados me trazem ao coração e ao papel tantos outros chamados, que escrevem e perguntam, que duvidam ou se entusiasman. "Tempo duro e fecundo" -esse da formação- constata um seminarista de Santiago do Chile. Como todo tempo, aliás, vivido pela causa do Reino... 1992 -depois do grande Congresso Latino-americano da Juventude- terá a juventude, "caminho aberto", como tema da Campanha da Fraternidade, no Brasil. Para um Continente novo, uma nova juventude, rapaziada!

SEI QUE CONTINUAM OS CONFLITOS E OS DESALENTOS, NA RUA E NA IGREJA. E que a esperança se torna difícil às vezes. "Custa acreditar na vinda do Reino". Uns companheiros, de caminhada gritam para Leonardo Boff -outra vez no banzeiro da opinião pública:

- "Ressuscita, Blondel! Ressuscita, Giordano Bruno!"

E esses jovens portorriquenhos, antes citados e que serão independentes um dia, completam belamente o grito, com esta confissão de fé pascal:

- "Temos a esperança de seguirmos ressuscitando a Jesus e com Ele chegarmos a ser completamente livres".

QUERO FAZER MEMÓRIA DE ALGUNS IRMÃOS E DE ALGUMAS IGREJAS, MUITO PRÓXIMAS A NÓS E EXPRESSAR-LHES A TOTAL SOLIDARIEDADE DE NOSSA IGREJA DE SÃO FÉLIX DO ARAGUAIA.

* A diocese de El Quiché, na Guatemala, celebra, neste ano de 1992, seus 25 anos de heroica existência.

* Neste ano completam-se também os "20 anos de ressurreição e profecia" do inesquecível bispo da Colômbia, Gerardo Valencia Cano, profeta e mártir da nossa América.

* A Igreja irmã de San Cristóbal de Las Casas, com seu pastor Samuel Ruíz, passou ultimamente por um calvário de perseguições e calúnias e até pela prisão do seu Padre Joel Padrón González.

* Na Nicarágua e sendo reitor da UCA, faleceu o P. César Jerez, jesuíta guatemalteco, conselheiro e solidário de todas as horas, nestes últimos anos históricos das Igrejas centroamericanas.

* Já no Brasil -entre outros lugares e pessoas queridos- cabe destacar o sofrimento de Rio Maria e Marabá e o teimoso testemunho dos padres Ricardo Rezende e Bruno Schizzerotto.

Assim continuam, entre nós, hoje como ontem, os 500 anos... Somente nos resta sermos dignos dos que nos precederam e dos que nos acompanham com o sinal glorioso da Cruz.

Termino Com a sábia palavra de um velho indígena wayúu, da Colômbia, que pode ser o mais sensato programa para comemorarmos o V Centenário e para irmos desmontando também essa guerra fraticida que o Norte está fazendo ao Sul:

"... juntemos nossas melhores vontades para que o sal que salga as comidas e purifica as águas dos colombianos (dos humanos) não continue a ser moído com os dentes do esbulo, da sem-vergonhice e da destruição da natureza, de nossa cultura e deste nosso território (desta comum Terra Mãe), donde nascem todos os caminhos..."

Irmão sempre e sempre companheiro de Esperança,

Pedro Casaldáliga

São Félix do Araguaia,
Mato Grosso, Brasil

No Ano Novo de 1992